

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DA
EDUCAÇÃO SOBRE LUTO INFANTIL E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

**THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE PROFESSIONALS OF
EDUCATION ABOUT THE CHILD MOURNING AND THE LEARNING
DIFFICULTIES**

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.v0i50.47444>

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo¹

ANTUNES, Edivana Gomes Severino²

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo Lira³

RESUMO

Neste artigo, analisam-se as representações sociais dos profissionais da educação sobre o luto infantil, bem como a sua relação com as dificuldades de aprendizagem de crianças do ensino fundamental. Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionário sociodemográfico e de entrevista semiestruturada com 19 profissionais da educação, sendo 15 professores de turmas do 1º ao 5º anos do ensino fundamental, uma diretora e três coordenadores pedagógicos, de uma escola municipal localizada em um município do Norte do Paraná. Em relação ao referencial teórico-metodológico, a pesquisa fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (TRS); seus resultados revelam que a maioria dos participantes concorda que o luto infantil pode impactar a aprendizagem. Dentre as características que evidenciam o luto na criança, os participantes mencionaram alterações de humor (tristeza, apatia, choro e baixa autoestima) e de comportamento (agressividade, retraimento e isolamento social). Conclui-se que, embora as situações de morte e de luto sejam recorrentes no ambiente escolar, falta aos professores e aos gestores formação específica para lidar com essa problemática.

Palavras-Chave: Morte; Formação de professores; Ensino fundamental.

ABSTRACT

In this article, we analyze the social representations of education professionals about child mourning as well as their relationship with the learning difficulties of elementary school children. Data were collected through the application of a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview with 19 education professionals, of which 15 teachers from 1st to 5th years of elementary school, one director and three pedagogical coordinators from a municipal school located in a city of north of Paraná. Ours theoretical-methodological referential is based on the Theory of Social Representations (TRS); their results reveal that most participants agree that child mourning could impact learning. Among the characteristics that demonstrate the mourning in the child, the participants mentioned changes in mood (sadness, apathy, crying and low self-esteem) and behavior (aggression, withdrawal and social isolation). It is concluded that, although the situations of death and mourning are recurrent in the school environment, teachers and managers lack specific training to deal with this problem.

Keywords: Death; Teacher formation; Elementary School.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora Associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS).

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS). Foi bolsista CAPES durante o curso de Mestrado.

³ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora Associada do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Guarapuava-PR. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil da UNICENTRO.

Introdução

Desde os primórdios da civilização, a morte é uma questão que intimida e amedronta as pessoas, ou seja, o fim da vida é um fato que provoca sensações pavorosas, pânico e medo nas pessoas, independentemente da sua idade (KUBLER-ROSS, 2012).

Kovács (2010) assinala que, na escola, a morte é um tema cujas discussões são limitadas e que carece de estudos. Schilling (2002), ao discutir sobre a morte na sociedade, destaca que a escassez de pesquisas em relação ao tema se deve ao fato de o assunto, geralmente, ser tratado como de foro particular, portanto algo que não deve ser discutido no contexto escolar.

Todavia, justamente pelo fato de a morte relacionar-se à perda e gerar sofrimento, quer seja físico, quer seja psíquico, social e espiritual, é um tema que merece ser trabalhado como meio pedagógico a fim de ajudar os alunos a compreenderem os desígnios da vida. Como a morte tem caráter de dor, comumente imagina-se que evitar falar ou pensar sobre ela é uma forma de postergá-la ou de detê-la (SANTOS; INCONTRI, 2010).

Diversos são os ambientes em que a morte se faz presente como tema ou como fato, todavia certos profissionais (por exemplo, médicos, enfermeiros e psicólogos) têm mais contato com situações reais ou com discussões sobre o tema, o qual também é recorrente no ambiente escolar, embora pouco debatido (KOVÁCS, 2012a).

Ao ser inserida no contexto escolar, a criança traz consigo vivências familiares que podem implicar positiva ou negativamente no seu processo de aprendizagem. No decorrer da vida, diferentes perdas enfrentadas pela criança levam-na a experienciar o luto e contribuem para a superação de obstáculos e de dificuldades.

Nem sempre as situações de perda vivenciadas pelas crianças são compartilhadas com membros da sua família, pois, nesses casos, é comum, que elas sejam levadas para ficarem na companhia de parentes e o sumiço repentino daquele que morreu ser-lhes explicado com histórias do tipo ‘foi morar no céu’ ou ‘fez uma viagem bem longa’, as quais podem trazer-lhes traumas psicóticos (KUBLER-ROSS, 2012; TORRES, 1999). Desse modo, ela percebe que algo diferente aconteceu na sua família, passando a desconfiar dos adultos. Para Bromberg (2000), há maior possibilidade de a criança apresentar patologias decorrentes do luto dependendo da forma como os adultos lidam com a questão, motivo pelo qual é necessário destinar atenção especial às crianças enlutadas para amenizar riscos futuros.

Na acepção de Rubinstein (2003), as crianças que vivenciam conflitos no espaço familiar, envolvendo situações de morte e de luto, por exemplo, podem apresentar dificuldades que se refletem no contexto escolar, tais como dificuldades comportamentais e baixo aproveitamento nos estudos. Kovács (2010), por sua vez, declara que crianças as quais vivenciaram perdas podem apresentar problemas sociais, baixa autoestima e ansiedade, o que revela a necessidade de os professores terem conhecimento sobre essa questão para que fiquem atentos às modificações comportamentais das crianças, às manifestações de afastamento em relação aos colegas, aos distúrbios alimentares, à agressividade, à dificuldade de atenção, entre outros, de modo a compreendê-las e a acolhê-las.

O sentimento de perda e a necessidade de readaptação gerados pela morte de alguém perpassam as situações de luto e se refletem no ambiente escolar, trazendo à tona a importância de preparo dos professores para o trabalho cuidadoso com a criança enlutada.

Esses elementos nos põem diante da problemática de investigação apresentada neste artigo, qual seja: quais são as representações sociais de profissionais da educação sobre o luto infantil? Dessa questão decorrem outras duas: a primeira aborda a concepção desses profissionais acerca da possibilidade (ou não) de o luto acarretar dificuldades de aprendizagem na criança; a segunda diz respeito à forma como eles lidam com esse assunto no contexto escolar.

Falar em aprendizagem é considerar aquele que aprende tanto em seus aspectos individuais como em seus aspectos socioculturais, sabendo que ambos podem interferir na aprendizagem, todavia merecem destaque os fatores emocionais, tendo em vista que problemas dessa ordem podem provocar sintomas psicossomáticos, como dores abdominais, dores de cabeça e problemas de pele (DURAN; VENANCIO; RIBEIRO, 2004).

Neste estudo, tratamos essa questão à luz do referencial teórico-metodológico da Teoria das Representações Sociais (TRS), a qual foi constituída pelo psicólogo social Serge Moscovici, em 1961, e estruturada na obra *La Psychanalyse, son image, son public*, publicada, no Brasil, como *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Nesta obra, Moscovici (2012) apresenta as diversas formas mediante as quais a Psicanálise era percebida (representada), difundida e propagandeada para o público parisiense a fim de compreender como a produção de conhecimentos plurais constitui e reforça a identidade dos grupos, como influi em suas práticas e como elas reconstituem seu pensamento. Na visão de Moscovici (1978; 2015), as representações sociais possibilitam ao indivíduo compreender e esclarecer a realidade, partindo das suas decisões ou de qualquer outra prática sobre algum objeto.

Jodelet (1989), Jovchelovitch (2008) e Abric (2000), cujos estudos são posteriores aos de Moscovici, investigaram minuciosamente os conceitos desenvolvidos por esse pesquisador. Jodelet (1989) afirma que a representação é um modo de conhecimento, pois é elaborada e compartilhada por meio das relações sociais com o propósito de praticidade e de colaborar para a formação de uma realidade comum a um conjunto social. A autora caracteriza a representação social como um conhecimento do senso comum, ingênuo e natural, que se diferencia do conhecimento científico.

Jovchelovitch (2008), por sua vez, explica que as representações sociais são uma forma de conhecimento construída mediante um contexto de relações (eu-outro) e, portanto, historicamente situado.

Nessa direção, Abric (2000, p. 28) elucida que a representação age como um sistema que busca dar sentido à realidade, uma vez que orienta os vínculos das pessoas com os âmbitos físico e social, de modo a definir suas atitudes e suas práticas.

De acordo com Alves-Mazzotti (2008, p. 20-21), a TRS possibilita a investigação sobre “como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana”. Dessa maneira, as representações sociais são relevantes tendo em vista a sua familiaridade com a linguagem, com a ideologia e com o imaginário social e, sobretudo, pela sua função de orientar os comportamentos e as práticas sociais. A TRS engendra elementos significativos para analisar os mecanismos que influenciam, de modo eficiente, a formação educativa.

Justificamos este estudo pelo número limitado de pesquisas no contexto escolar acerca dessa temática e pela crescente necessidade de refletirmos sobre como os profissionais da educação compreendem e lidam com a morte e, por consequência, com o luto. A pesquisa é pertinente, pois pode contribuir na reflexão dos profissionais da educação acerca dessa questão a fim de que busquem estratégias eficazes para acolher a criança enlutada e para auxiliar com a sua aprendizagem.

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, estruturamos este artigo em três seções. Na primeira, tratamos do luto e da sua influência na aprendizagem. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos empregados para a obtenção dos dados. Na terceira, apresentamos os resultados e as discussões para, finalmente, refletirmos sobre os dados encontrados.

O luto e as suas repercussões na aprendizagem

A perda de um dos membros da família, especialmente a de um dos responsáveis pela criança, pode acarretar diversas reações no decorrer do seu processo de luto, podendo ter algum reflexo no contexto escolar, quer seja de ordem comportamental, quer seja em relação ao baixo desempenho escolar daí decorrente.

Nesse sentido, é necessário que haja espaço para que a criança possa compartilhar os seus sentimentos e para que receba o acolhimento adequado a fim de que a sua aprendizagem não seja prejudicada, já que as emoções advindas da perda podem suscitar consequências sérias nesse processo. De acordo com Granja, (2013, p. 97, grifo nosso),

[...] em **termos acadêmicos**, os efeitos mais notórios são a diminuição do nível de concentração, dificuldade em recordar factos, classificações mais baixas e um menor índice de autoconfiança no desempenho escolar; **em termos comportamentais**, o aluno pode manifestar comportamentos perturbadores na sala de aula, problemas de assiduidade, maior vulnerabilidade a doenças e acidentes, desinteresse pelo desporto e outras atividades escolares, e mesmo comportamentos agressivos e violentos; **em termos emocionais**, normalmente verifica-se uma maior necessidade de atenção e apoio por parte dos professores, apatia, perda de interesse pela escola, modificação da relação com professores e colegas, sentimentos de raiva ou culpa, tristeza e incapacidade para apreciar a vida, incluindo a escola.

É preciso que a escola esteja atenta aos comportamentos do aluno enlutado. Nesse sentido, é fundamental que os profissionais da educação estejam preparados para lidar com a temática da morte no espaço escolar, promovendo ambientes de percepção e de reflexão, cujo objetivo é auxiliar os alunos a enfrentarem os medos e o desconhecido em relação a essa questão. Segundo Domingos e Maluf (2003), o aluno precisa receber suporte emocional da escola durante o tempo que nela permanece e, quando necessário, deve ser encaminhado pelos profissionais da educação, juntamente com a sua família, para profissionais especializados.

Para Kovács (2012b, p. 76), há inúmeras situações envolvendo alunos que requerem da escola cuidados especiais, como a “perda de pessoas significativas, de animais de estimação, morte de alunos por adoecimento ou acidentes, bullying, violência, exclusão e humilhação, hospitalização, separação ou distanciamento de familiares e automutilação”. Por esse motivo, é importante que sejam ofertados cursos preparatórios aos profissionais da educação para que estejam preparados para lidar adequadamente com questões que envolvem morte, luto, mudanças de comportamento e atitudes autodestrutivas, já que lhes compete a função de apoiar os alunos que vivenciam situações de perdas, para o quê precisam

desenvolver a empatia. Segundo Kovács (2012b, p.76), o professor empático consegue dialogar com os alunos, de modo a promover o entendimento sobre a morte. Essa, todavia, é uma tarefa para a qual não há um manual pronto, mas “questionamento, autoconhecimento, sensibilização e abertura pessoal”.

Granja (2013), tal como já mencionamos neste texto, assinala que o luto é um processo que atinge diversos contextos dos quais o enlutado faz parte, ou seja, não se limita ao âmbito individual, cabendo à escola a função de apoiar o aluno que está passando por esse processo. Isso requer dos profissionais da educação uma postura ética e afetiva, bem como competências para além daquelas ligadas aos conteúdos escolares; devem considerar o aluno como um ser repleto de sentimentos e de emoções e não somente um aprendiz.

A finitude da vida é um assunto que, apesar de os indivíduos terem resistência de conversar, acompanha-nos. Dessa maneira, como destaca Assumpção (2011, p. 18),

[...] por mais que evitemos falar sobre a morte, de outras pessoas ou de nós mesmos, por mais que sejam criados artifícios para prolongar a vida, a realidade de que somos mortais está sempre presente junto de nós. E nos incomoda muito, até que possamos aprender a conviver bem com a morte.

O fim da vida, por ser considerado um tabu, principalmente no meio escolar, é um dos motivos, segundo Chagas (2011), da carência de estudos e de discussões sobre a temática da morte na escola, mesmo que falar sobre ela proporcione um melhor desenvolvimento tanto para aqueles que sofreram a perda quanto para os que sofrem com a dor dos enlutados.

Conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996), em seu Art. 2.º, “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”, ou seja, é assegurada ao cidadão a formação e a integração ao mercado de trabalho, todavia não se evidencia a garantia da formação do ser humano no aspecto espiritual, emocional e existencial. Não deixamos de perceber, porém, interpretações que envolvem a “valorização da experiência extraescolar” (Art.3.º), “a formação de atitudes e valores” (Caput II do art. 32,) e o “aprimoramento do educando como pessoa humana” (Caput III do art. 35).

Santos e Incontri (2011, p.75) ressaltam que cabe ao Estado “garantir aquilo que é da esfera pública e não pode regular aquilo que diz respeito à intimidade do ser e sua subjetividade”. No entanto, tanto a educação pública como a educação privada, impreterivelmente, trabalham com “valores e os pressupõe e os recomenda como parte integrante da formação”; desse modo, “não é possível ignorar que eles se arraigam na

consciência do indivíduo, apesar de seu caráter também social” (SANTOS; INCONTRI, 2011, p. 75).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assinalam que, além dos conhecimentos científicos, a escola deve lidar com temas existenciais, buscando “desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social” (BRASIL, 1997, p. 9).

Além disso, os PCN abordam temas que envolvem a interdisciplinaridade e a transversalidade que visam ao aprendizado em sua totalidade. Assim,

[...] a interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas. A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). (BRASIL, 1997, p. 31).

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade e a transversalidade diferem entre si, uma vez que a primeira se relaciona aos conhecimentos que abrangem uma totalidade de disciplinas, impedindo um conhecimento fragmentado; já a segunda reporta-se às vivências diárias da sociedade que são inseridas nas práticas de cada disciplina.

Os temas transversais apresentados nos PCN – “Ética, Pluralidade Cultural, do Meio-ambiente, da Saúde, e da Orientação Sexual” (BRASIL, 1997, p. 15) –, segundo Santos e Incontri (2011), poderiam abordar a questão da morte, que pode ser tratada em uma perspectiva sociocultural, filosófica e religiosa mediante as questões da ética, da saúde e do meio ambiente, ratificando o pluralismo.

Santos e Incontri (2011) observam que a morte é um assunto considerado complexo tanto para a escola como para a família, mesmo que, nos PCN e na LDBEN, haja abertura para o trabalho com essa temática no ambiente escolar. Assim, raros são os momentos em que esse assunto é objeto de discussão na escola, uma vez que os próprios profissionais o consideram como tabu. Apoiando-nos em argumentos de Bromberg (2000), do nosso ponto de vista, essa visão deveria ser superada, pois o preparo para a vida não se distingue do preparo para a morte. Esses mesmos autores também afirmam que a falta de discussão sobre a morte no ensino está vinculada ao contexto social. Para eles, a formação dos indivíduos ocorre em

espaços escolares e universidades, portanto essas instituições deveriam estimular uma parte significativa dos debates que ocorrem na sociedade. É importante que a educação passe por modificações no que se refere à formação direcionada para o morrer, a começar pelo professor que, uma vez educado nesse tema, terá tranquilidade para transferir o conhecimento adquirido. Santos e Incontri (2010) defendem a necessidade de, primeiramente, o ser humano passar pelo processo de autoconhecimento para que possa ter compreensão sobre a morte e, desse modo, ser capaz de conduzir os alunos nesse mesmo sentido. De acordo como Kovács (2012a), os professores exercem significativa influência sobre os alunos; por isso, são fundamentais na atenção aos alunos enlutados e nas manifestações que eles apresentam no seu dia a dia.

Pactuando com esse pressuposto, Santos e Incontri (2010) destacam as competências necessárias ao educador para que possam trabalhar nessa perspectiva. Antes de tudo, precisa desenvolver o autoconhecimento e a autoeducação, tendo clareza de seus sentimentos em relação à morte. Outro aspecto mencionado pelos autores é a ampliação dos conhecimentos dos professores sobre o tema. Eles advertem sobre a insuficiência de cursos de curta duração e de trabalhos envolvidos com dissertações e com teses. Os autores defendem a necessidade de conhecimentos mais amplos, ou seja, conhecimentos que apreendam questões religiosas, filosóficas, científicas, pedagógicas e estéticas.

O trabalho com conhecimentos referentes à morte requer do educador uma linguagem de fácil compreensão, demanda um ensino que transmita naturalidade, sendo imprescindível o envolvimento sentimental, de modo que não seja exclusivamente um exercício teórico. Por isso, é essencial uma visão abrangente sobre a morte e sobre as consequências dela advindas, bem como a atenção às transformações sociais, às crenças religiosas, filosóficas e científicas e os seus impactos na sociedade atual (SANTOS; INCONTRI, 2010). Isso significa uma educação que contemple um projeto plural, interdisciplinar e transversal cujo objetivo seja atingir o futuro profissional desde a sua formação inicial, continuando o debate em cursos de formação continuada.

No decorrer da sua formação, o futuro educador se familiariza com a temática e desenvolve habilidades para ensinar sobre o processo natural da morte. Como reitera Kovács (2012a), é fundamental uma formação que leve o professor a compreender o ciclo da vida como algo natural, sabendo, portanto, lidar com a perda e com a morte de forma tranquila e serena.

Nesses termos, Santos e Incontri (2011, p. 79) propõem uma educação que atenda a uma diversidade de

[...] atividades educacionais e experiências relacionadas à morte e abrange temas fundamentais, como os significados e atitudes em relação à morte, aprendizado sobre emoções e sentimentos, questões existenciais e espirituais, os processos de morte e luto, e cuidados para com as pessoas afetadas pela morte. A educação para a morte é baseada na crença de que as atitudes e práticas de negar, desafiar, e evitar a morte, vistas na cultura brasileira, podem ser transformadas, e assume que os indivíduos e instituições serão mais capazes de lidar com as práticas relacionadas com a morte como resultado de esforços educacionais.

Os autores ressaltam que não existe uma fórmula eficaz para lidar com a temática da morte, todavia há que se buscar uma maneira de preparar, emocionalmente, os sujeitos para lidar com ela, pois qualquer pessoa, a qualquer momento pode deparar-se com situação de perda e de luto.

Para Oliveira (2002, p. 162, grifo do autor), “a aceitação da morte constitui, certamente, um dos maiores sinais de maturidade humana, daí a necessidade de uma educação para a morte, duma *arsmoriendi*, porque a morte, paradoxalmente, pode ensinar a viver”.

Nesse sentido, discorrer sobre a morte exige do professor mais do que o acúmulo de informações (KOVÁCS, 2003); envolve elaboração, questionamento e confronto de seus conhecimentos com as perspectivas e com os valores dos alunos, de tal sorte que possa ampliar e aperfeiçoar a sua própria formação com a participação e com a devolutiva dos alunos.

Reiterando aspectos já apontados na introdução deste artigo, tal como esclarece Sukiennik (2000), o aluno que está vivenciando um luto complicado pode apresentar mudanças de comportamento, ausência escolar, queda no seu desempenho e atitudes agressivas. Por isso, é indispensável que os profissionais da educação acolham-no e compreendam os seus sentimentos e as suas reações perante o fato por ele vivenciado. Para promover no educando o desenvolvimento pessoal, o diálogo referente à morte é um fator preponderante; por meio dele, é possível proporcionar um ambiente de sensibilização que leve os alunos a identificarem sentimentos e, com isso, desenvolvam a empatia (RODRIGUEZ, 2010).

Ainda sobre as questões relacionadas ao educador e às formas de trabalho com a temática da morte no contexto escolar, Kovács (2003) discorre acerca da possibilidade de utilizar a literatura para que o aluno compare a arte com a existência humana e, assim, amplie a sua compreensão sobre o assunto. Outra sugestão é o trabalho com filmes que abordam o

tema, constituindo-se um importante canal de reflexões e de discussões acerca da morte (KOVÁCS, 2012a).

A autora sugere situações nas quais sejam possibilitadas discussões

[...] de casos de alunos vivendo situações de morte; criação de espaços para sensibilização, escuta, acolhimento, reflexão, esclarecimento e expressão de sentimentos; participação da comunidade escolar em rituais de morte e apoio a familiares; atividades para o dia de Finados e outras datas significativas; encaminhamento a profissionais especializados, produção de material didático sobre a morte. (KOVÁCS, 2012b, p. 78).

Para tanto, nos cursos e nos treinamentos direcionados a professores, é fundamental que sejam trabalhados conteúdos que os ajudem a desenvolver habilidades que permitam a

[...] comunicação em situações de perda e morte, com crianças e adolescentes; integração de crianças ou jovens doentes, egressos de internação hospitalar com sequelas; ações direcionadas a crianças e jovens com comportamentos autodestrutivos, ideação ou tentativas de suicídio. (KOVÁCS, 2012b, p. 78).

Além disso, Granja (2013) recomenda que, em uma das reuniões costumeiras que acontece durante o ano letivo, seja dedicado um tempo para dialogar sobre temas relacionados ao luto, as implicações desse sentimento na vida do aluno, bem como sobre estratégias de apoio aos alunos que estão vivenciando situações de luto e formas de prevenção que visem ao preparo emocional, já que todos podem passar por essa situação em algum momento da vida.

Uma educação que busca fortalecer a criança trabalha com aspectos relacionados à perda, principalmente em ocasiões que ela a enfrenta. Falar sobre o sofrimento permite àquele que está passando pela dor reorganizar seus pensamentos; impedir o diálogo seria uma forma de contribuir para o aparecimento do luto patológico, já que seria negada a possibilidade de externalização da tristeza (FRONZA *et al.*, 2015).

Para Fronza *et al.* (2015, p. 51), o entendimento da morte pela criança é “[...] um processo que representa um desafio intelectual e afetivo”, ideia com a qual Torres (1999) concorda e complementa, enfatizando que essa é uma forma de contribuir para o desenvolvimento intelectual da criança, já que cada uma traz consigo um entendimento sobre o assunto ligado à maturação cognitiva. Quando ela compreende a morte como o desaparecimento do outro, é necessário que haja um esclarecimento para, aos poucos, perceber a irreversibilidade dessa desapareção, ou seja, entender que é impossível reverter o curso biológico, que o corpo físico não retornará à vida, inclusive, que ela e os demais

indivíduos também morrerão, como indicativo da universalidade da finitude (TORRES, 1999).

Fica evidente, portanto, que o entendimento sobre a morte vai acontecendo aos poucos, todavia o diálogo exerce grande influência no processo de formação desse conceito, além de contribuir para a elaboração do sentimento de luto.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa que deu origem a este artigo pode ser definida como qualitativa, descritiva e de campo. Qualitativa por ser uma pesquisa que se inquieta “[...] com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32); descritiva porque, para a descrição do perfil sociodemográfico do grupo estudado, bem como para a compreensão das suas representações sociais sobre a morte e sobre o luto, solicitamos aos sujeitos da pesquisa – profissionais da educação – que preenchessem um questionário sociodemográfico e participassem de uma entrevista semiestruturada. Esse tipo de pesquisa requer “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). Essa pesquisa caracteriza-se, ainda, como pesquisa de campo, visto que, além de estudo bibliográfico, realizamos coleta de dados com os participantes do estudo, por meio de diferentes instrumentos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa foi realizada com profissionais da educação do ensino fundamental de uma escola periférica de um município do Norte do Paraná. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população estimada do referido município é de 82.847 habitantes; já a escola possui 640 alunos.

Participaram da pesquisa 19 profissionais, sendo um diretor, três coordenadores pedagógicos e 15 professores do 1.º ao 5.º anos do ensino fundamental. Todos os professores participantes são do sexo feminino, com idade média de 42,3 anos. Em relação aos demais participantes – gestão e equipe pedagógica –, três são do sexo feminino e um do sexo masculino, cuja média de idade é de 36,8 anos.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na sua íntegra. Os professores foram identificados como P1 até P15; o diretor como D; por fim, os coordenadores receberam a denominação de C1 até C3.

A participação na pesquisa – realizada em conformidade com as diretrizes da Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde – foi voluntária e a coleta de dados realizada na própria escola, em período de aula, matutino e vespertino, nos

horários destinados à hora-atividade dos professores, conforme disponibilidade de cada um. Além disso, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme parecer consubstanciado n.º 2451058.

Para a análise dos dados, elaboramos categorias com base na proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011) que possibilita a percepção de conflitos e de consensos estabelecidos pelas pessoas dos grupos estudados.

No limite desse artigo, tratamos apenas dos resultados alcançados em uma das categorias de análise, qual seja, “luto e dificuldade de aprendizagem”.

Resultados e discussão

As questões da entrevista semiestruturada cujas respostas subsidiaram a elaboração da categoria de análise aqui apresentada foram as seguintes: em algum caso de luto vivenciado por seus/suas alunos/as, você constatou que eles/as tiveram prejuízos na aprendizagem? De que forma você e a escola lidaram com isso? Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, outras questões foram feitas de acordo com os assuntos que surgiram durante a entrevista.

Luto e dificuldade de aprendizagem

Nessa categoria, buscamos verificar se, na concepção dos participantes da pesquisa, o luto infantil pode repercutir na aprendizagem das crianças e de que maneira eles lidavam com a situação. Dos 19 entrevistados, 16 afirmaram que algumas crianças podem apresentar queda no rendimento escolar, todavia com algumas especificidades: umas de forma mais acentuada; outras de forma mais branda.

Em relação ao modo de lidar pedagogicamente com a situação, a maioria dos entrevistados disse que conversa com a criança enlutada e busca auxiliá-la nas atividades escolares, dando mais atenção quando necessário, conforme podemos observar em alguns relatos:

P4: O professor tem que estar mais próximo do aluno, tentar trazer mais para a gente, tentar resgatar; é um resgate, porque é uma perda. E, às vezes, mesmo a gente tentando, conversando, dando afetividade, dependendo da perda que ele teve, dificilmente ele consegue só com o professor; muitas vezes, até a família tem de procurar auxílio psicológico, mas dentro do possível a gente busca ficar mais perto, na afetividade, sempre conversando, a gente tem que ficar sempre mediando, senão eles não conseguem sair daquele luto.

P8: *Olha, ela ficou com um pouco de defasagem no ensino, porque ela faltava muito. A aluna que perdeu a irmã. Eu fui tentar ajudá-la, sempre sentando ao lado dela, nas produções de textos, matemática. Aí era a única que eu sentava do lado para ajudar, auxiliar, porque, no terceiro ano, é difícil ter [professor] auxiliar; é complicado.*

Nessas falas, verificamos que, embora os profissionais não tenham formação para lidarem com o luto, esforçam-se para auxiliar os alunos enlutados no processo de aprendizagem. Dessa maneira, os processos de ensino e de aprendizagem podem ser beneficiados quando a escola e a família se unem para apoiar a criança enlutada. O aprender é um processo que acontece no contexto familiar, na sociedade e no âmbito escolar, requisitando constantemente relações diretas entre quem transmite o conhecimento e aquele que o aprende (PORTO, 2007).

Em contrapartida, três profissionais tiveram alunos que passaram por situações de luto sem queda na aprendizagem; houve apenas mudanças de comportamento (isolamento social), como podemos exemplificar com os relatos a seguir:

P15: *Não, nos meus alunos, porque todos que já chegaram a mim e falaram: 'ah, meu avô morreu, meu tio que mora lá não sei onde', nunca assim no convívio, que vive no meio.*

P11: *Na aprendizagem não, mas na questão social sim, de se envolver com as outras crianças. Tinha dia que ela não queria, era o momento dela, ela estava diferente. Tinha dia que eu falava 'oi, tudo bem?' e ela ficava séria. Às vezes, era uma incógnita olhar para ela. Eu ficava me questionando: por que, às vezes, ela ficava parada? O que será que ela está pensando? Por que não está desenvolvendo as atividades em grupo? Por que ela está se isolando?*

P12: *Alguns casos sim, alguns casos não. Igual no caso da criança que viveu o luto, ela perdeu alguém muito próximo, sente muito; às vezes, ela fica um pouco mais rebelde, acaba afetando na aprendizagem, porque ela não quer cumprir regras, não quer fazer o que os outros estão fazendo, quer ir embora da escola, porque já não é mais um ambiente tão acolhedor. Já outras, não, continuam até sendo excelentes alunos; eram ótimos continuaram sendo ótimos, não afeta.*

Esses relatos ratificam o ponto de vista de Magalhães (2008) segundo o qual cada indivíduo tem uma maneira ímpar de expressar seus sentimentos e de vivenciar sua dor de modo pessoal. A autora destaca, ainda, a falsa afirmação de que todas as pessoas, quando vivenciam uma situação de luto, apresentam os mesmos sentimentos. O luto é pessoal, cada aluno expressa seu sofrimento de maneira particular, podendo ter queda na aprendizagem ou

não. Alguns não apresentam mudanças em sua forma de agir; outros podem apresentar comportamentos sociais distintos que requerem atenção e ajuda psicológica.

Alves e Kovács (2016, p. 404) esclarecem que “falar sobre as perdas auxilia no enfrentamento dos medos que podem surgir, porém familiares, educadores e profissionais geralmente têm dificuldades em abordar o tema”.

Por meio dos relatos dos profissionais, observamos que a aprendizagem não acontece de forma isolada, mas em um contexto vasto e relevante, sendo necessário verificar os motivos pelos quais a criança não está apropriando-se dos conhecimentos.

Pedimos também que os profissionais relatassem os casos de morte e de luto que tinham vivenciado com seus alunos e como lidavam com a situação. Chamou-nos a atenção o fato de que, para alguns profissionais, no ambiente escolar, a convivência com as situações de perda são corriqueiras e, muitas vezes, envolvem mortes violentas.

P12: Como a nossa escola é em um ambiente de muita vulnerabilidade social, eles [alunos] perdem muita gente. Quando eu entrei aqui, fiquei até assustada, porque morre gente todo dia, é tio, é pai, é mãe, mortes violentas. Como eles são crianças, a impressão que eu tenho é que, para eles, é uma fase. Para nós adultos, quando perdemos alguém, aquilo ali fica muito tempo, parece que não vai sair de nós; como eles são pequenos, eles contam para nós. Às vezes, foi alguma coisa trágica, nós sentimos muito, mas, para eles, assim, eles ficam tristes, mas, depois de um tempo, parece que não lembram mais.

P6: O mais triste que eu passei foi uma menina que viu o pai ser morto na frente dela, baleado. Ela era minha aluna e viu o pai ser morto na frente dela. Ela passou muito tempo fechada, triste pelo canto, dizendo que o pai dela conversava com ela, tipo assim, uma perseguição.

Esses relatos revelam que os professores enfrentam desafios no cotidiano escolar. Por isso, precisam estar atentos aos comportamentos dos alunos para que possam ampará-los e acolhê-los afetivamente, necessitando, para tanto, de orientações sobre como lidar com o tema da morte e do luto no âmbito educacional.

Posteriormente, questionamos os profissionais sobre a forma que reconheceram que o aluno estava vivenciando uma situação de luto. Alguns relataram que foram informados antes mesmo de perceberem as modificações nos alunos. Constataram que, em sala ou no intervalo, essas crianças manifestavam tristeza e apatia.

Outros salientaram que, pela alteração de humor ou do comportamento, era perceptível que o aluno estava vivenciando uma situação de luto. Dentre essas alterações, pontuaram a

tristeza, a apatia, o choro, a baixa autoestima, a agressividade, o isolamento social e o retraimento, conforme os relatos a seguir:

P3: Tanto no aluno como no adulto, dá para perceber que o brilho apagou. É nítido. O aluno muda o comportamento. O comportamento de um aluno é constante.

P5: Percebo, é visível a tristeza, o desânimo, a autoestima baixa, o não querer brincar, não aprecia nada, falta de apetite. Dá para perceber que algo não está bem na criança.

P10: Acho que pela maneira como ele se comporta. A criança é muito transparente, se ela está feliz, ela demonstra. Aquela criança agitada, conversa, interage, então, se ela está vivenciando o luto, ela fica mais retraída.

P7: Quando ele fica muito desanimado, mais cabisbaixo, cruza os braços com facilidade na carteira, na hora da atividade oral, principalmente, é quando eles mais se agitam para poder participar. Eu percebo quando aquela criança está muito quieta, ela para, ela não dá ideia, não comenta nada. Aí eu já sei que alguma coisa está acontecendo, aí é onde eu vou tentar investigar o que é [...].

As falas dos entrevistados demonstram a percepção sobre a mudança de comportamento dos alunos enlutados. Segundo Kappel e Dias (2013), o luto apresenta diversas fases conturbadas até que se possa retomar o equilíbrio e retornar à vivência normal. A criança pode apresentar melancolia, raiva, agressividade, inquietude, dentre outros comportamentos que chamam a atenção. Por isso, é necessário o olhar atento dos professores para auxiliarem os alunos a lidarem com o sentimento de perda, disponibilizando atividades que possam entretê-los e ajudá-los na aprendizagem.

Outros três profissionais mencionaram que o próprio aluno comenta sobre o luto, como ressaltamos:

P1: [...] Você vê a carinha deles, eles sempre se abrem, contam o que estão passando.

P6: Eles próprios comentam, têm alguns que contam com detalhe, como nossa escola tem muito problema, pai preso, pai bandido, eles contam. É a realidade que eles vivem, a gente até se assusta. A palavra morte para eles... (pensa um pouco), não sei o que eles imaginam, porque eles contam assim 'lá na minha rua, morreu um, morreu dois, morreu três'. Entendeu? Eles contam assim... (pensa um pouco) [...] Eles se fecham, chegam tristes, ou quando a gente vai trabalhar algum conteúdo em sala, principalmente falando sobre avó ou alguma coisa, aí eles choram ou eles mesmo falam 'ai professora, minha avó já foi, ela cuidava de mim'.

C2: Pela tristeza, porque eles também relatam, geralmente criança relata, 'ah vi meu pai no caixão, ah vi minha mãe assim, minha mãe morreu perto de mim', igual já aconteceu aqui. A criança relata, então, para mim, a tristeza e a vontade de falar, porque, para eles, falar é uma forma de extravasar a tristeza.

Ao analisarmos essas falas, constatamos o quão importante é o diálogo com a criança enlutada. Concordamos com Kappel e Dias (2013) quando enfatizam a conversa com a criança, uma vez que o diálogo permite-lhe reorganizar os pensamentos e exteriorizar o sofrimento. Os autores destacam a necessidade de o adulto informar sobre o luto para que a criança possa entender o que está sentindo, expor e tirar dúvidas.

As mortes trágicas, principalmente em cidades grandes, a partir do final do século XX, aumentou de forma significativa, particularmente em situações como homicídios, acidentes que envolvem jovens, tráfico de drogas e outras formas de violência. Nesse sentido, Kovács (2003) esclarece que, mesmo sendo uma temática que poucos sabem lidar, não há como fecharmos os olhos para esse fato, pois a morte, de certo modo, está escancarada, isto é, não é possível prevêê-la, mas pode ocorrer em qualquer local e em situações inesperadas.

Ainda temos as mortes divulgadas pelos meios de comunicação, especialmente pela televisão, que são também uma forma de escancará-la, ou seja, as tragédias expostas juntamente com textos e com depoimentos sem fundamentos para reflexão. É por meio desses veículos que a morte chega ao ambiente familiar, tendo as crianças como telespectadoras, como relata uma participante:

P6: Tem crianças que falam: 'professora, você viu na televisão isso' aí? Eu falo: 'mas crianças, isso não é bom vocês ficarem assistindo este tipo de programa, é muita violência'. 'Ah professora, mas meu pai morreu assim, minha mãe morreu assim'. Eles tratam com naturalidade.

A forma como a criança relata um fato pode revelar a maneira como a informação sobre a morte lhe foi repassada, conforme destaca o participante P9.

P9: Olha, tive uma (risos) que foi até engraçado. Era na educação infantil [...] Professora, 'o cachorro do meu pai morreu' (risos). 'Ah, o cachorro de seu pai morreu, daí você arruma outro cachorrinho né, o papai arruma outro cachorrinho, tudo bem?'. Ela falou: 'Não, professora. O cachorro do meu pai morreu'. Aí que fui... aí perguntei para as meninas, aconteceu alguma coisa? 'É que o pai da (menciona o nome da criança) morreu, ele estava com o carro com mulheres num acidente fazendo farra'.

Nessa fala, podemos notar o condicionante social, uma vez que o adulto repassa para a criança sua percepção sobre a forma como a morte ocorreu. Nessa direção, a escola poderia abrir espaços para dialogar sobre essa temática, a fim de propiciar reflexão de forma crítica, auxiliando os alunos a legitimarem e a expressarem os seus sentimentos.

Em síntese, ao indagarmos aos participantes sobre a maneira como lidavam com a morte e o luto das crianças no contexto escolar, deparamo-nos com as seguintes situações: alguns profissionais não tocavam no assunto com a criança enlutada, a fim de não mexer na dor; outros disseram não saber lidar com a situação; outros ainda relataram que não tiveram essa experiência em sala; poucos dialogavam sobre o assunto.

Nas entrevistas com os professores e com a equipe pedagógica, ficou evidente que não há orientação sobre como trabalhar com a questão da morte em sala de aula. Verificamos, ainda, que os professores não se sentem preparados para ajudar os alunos enlutados, apesar de se esforçarem para apoiá-los por meio de conversas, pelo olhar mais atento aos comportamentos, com o intuito de buscar estratégias para os auxiliar; todavia, conforme já foi dito, falar sobre a morte abertamente previne danos na aprendizagem do aluno e agravamento de problemas emocionais (KOVÁCS, 2012a).

Considerações finais

Nesta pesquisa, buscamos analisar as representações sociais dos profissionais da educação sobre luto infantil.

Constatamos que 16 dos 19 docentes entrevistados afirmaram que alguns alunos podem apresentar baixo rendimento escolar. Dentre as características que evidenciam o luto na criança, os participantes mencionaram alterações de humor (tristeza, apatia, choro, baixa autoestima) e/ou de comportamento (agressividade, retraimento, isolamento social). Essas representações dos participantes sobre o luto infantil estão ancoradas em suas vivências como educadores e em suas crenças religiosas.

Com relação à forma de lidar com os alunos, constatamos que alguns profissionais não tocavam no assunto com a criança enlutada, a fim de não mexerem na dor; outros disseram que não sabem lidar com a situação; outros ainda relataram que não tiveram essa experiência em sala; poucos dialogavam sobre o assunto.

Verificamos que, embora alguns profissionais tentem debater sobre essa temática em sala de aula, isso não é feito de forma aprofundada, uma vez que se sentem despreparados para lidarem com a temática da morte e do luto.

Dessa forma, concluímos que, apesar de ser um assunto recorrente no espaço escolar, há um despreparo dos profissionais para apoiar as crianças enlutadas. Nesse sentido, a responsabilidade pelo apoio que poderia acontecer na escola é transferida para os familiares que são orientados a buscarem a ajuda de psicólogos, o que nem sempre é possível devido ao fator econômico.

Neste sentido, podemos destacar que a aprendizagem dos alunos envolve o contexto de vivência; conseqüentemente, é importante que os profissionais estejam atentos às mudanças de comportamento e à queda na aprendizagem e, perante tal manifestação, investigar os motivos pelos quais seus alunos não se apropriam do conhecimento.

Reconhecemos que o estudo em tela não esgota o assunto; outras pesquisas precisam ser desenvolvidas para que tenhamos mais elementos para discutir a temática do luto e a sua influência sobre a aprendizagem.

Referências

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27- 38.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008.

ALVES, E. G. R.; KOVÁCS, M. J. Morte de aluno: luto na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, mai./ago., 2016, p. 403-406. disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00403.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

ASSUMPCÃO, E. A. D'. **Dizendo adeus**: como viver o luto, para superá-lo. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei n.º 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso: 01 abr. 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. [Acesso em: 01 abr. 2019.](#)

BROMBERG, M. H. P. F. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CHAGAS, J. S. **Representações da morte nos meios escolar e universitário natalenses (Natal, Brasil)**. 2011. 379f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade Aberta, Lisboa, 2011. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2184>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

DURAN, K. M.; VENANCIO, L. R.; RIBEIRO, L. S. **Influência das emoções na cognição**. 2004. Disponível em: http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/Trabalho_E1.pdf. Acesso em: 01 abr. 2019.

DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. Experiências de perda e luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, v.16, p. 577-589, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a16.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

FRONZA, L. P.; QUINTANA, A. M.; WEISSHEIMER, T. K. S.; BARBIERI, Â. O tema da morte na escola: possibilidades de reflexão. **Bararói, Revista do Departamento de Ciências Humanas**, n. 43, p. 48-71, jan./jun., 2015. <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/3496>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRANJA, A. M. A. **A morte e o luto em contexto escolar: das vivências na primeira pessoa à (re)significação do conceito de escola acolhedora**. 2013. 707f. Tese. (Doutorado em Educação)- Universidade de Aveiro. Portugal. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/11488/1/tese.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Uerj, 1989. p. 17- 41.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KAPPEL, A. S.; DIAS, A. R. G. Luto Infantil: um estudo através das representações. **Maiêutica – Curso de Pedagogia**, v. 1, n. 1, p. 41-50, 2013. disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/1279/437. Acesso em: 01 abr. 2019.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fapesp, 2003.

KOVÁCS, M. J. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, M. H. P. (Org.) **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010. p. 145-168.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fapesp, 2012a.

KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v.16, p. 71-81, jan./jun., 2012b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/08.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, 3. tiragem.

MAGALHÃES, A. T. O. **As representações sociais da morte para professoras e pais em instituições de educação infantil**. 2008. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3743?mode=full>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, J. B. Ansiedade face à morte: uma abordagem diferencial. **Psychologica**, v. 31, p. 161-176, 2002.

PORTO, O. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 2. ed., Rio de Janeiro: Wak, 2007.

RODRIGUEZ, C. F. **Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?** 2010. 341f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22072010-083807/pt-br.php>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

RUBINSTEIN, E. R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANTOS, F. S.; INCONTRI, D. A educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade. In: SANTOS, F. S. (Org.). **A arte de morrer: visões plurais**. São Paulo: Comenius, 2010. p. 16-29.

SANTOS, F. S.; INCONTRI, D. SANTOS, F. S.; As leis, a educação e a morte - uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil. **International Studies on Law and Education**. 2011 CEMOrOC-Feusp/IJI-Univ. do Porto. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle9/73-82Dora.pdf>. Acesso 01 abr. 2018.

SCHILLING, F. **Reflexões sobre justiça e violência: o atendimento a familiares de vítimas de crimes fatais**. São Paulo: Educ/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SUKIENNIK, P. B. Implicações da depressão e do risco de suicídio na escola durante a adolescência. **Adolescência Latino-americana**, v. 2, p. 34-44, 2000.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Recebido em	09/04/2019
Aceito em	28/04/2019